

ARACELLI, MEU AMOR: UM OLHAR LITERÁRIO SOBRE O ABUSO SEXUAL INFANTIL

Alcemir Pinheiro Ribeiro*
Jacqueline Fernandes Trinette**

RESUMO

O artigo científico tem como objetivo conceituar e analisar o abuso sexual, que se faz presente na narrativa de cunho jornalístico-investigativo, *Aracelli, Meu Amor*, do autor José Louzeiro. Após a apresentação da obra, o estudo pretende expor questões acerca das consequências psicológicas da suposta vítima de abuso sexual e elucidar a atuação dos profissionais envolvidos, para obter conhecimento ampliado acerca do assunto; demonstra a predominância de abuso sexual intrafamiliar, bem como a falta de preparo e alta rotatividade de profissionais que afetam os casos de forma negativa. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, com intuito de obter *insights* sobre a questão.

Palavras-chave: Aracelli; Abuso Sexual; Análise Literária.

1 INTRODUÇÃO

Devido a complexidade do abuso sexual infantil e suas consequências, faz-se necessário um estudo minucioso das questões acerca do abuso de crianças e adolescentes, com o intuito de um melhor esclarecimento acerca do assunto e uma atuação efetiva dos profissionais envolvidos. Portanto objetiva-se conceituar e analisar o abuso, bem como apresentar as consequências psicológicas e atuação dos profissionais da rede.

Assim o estudo é importante para que os profissionais envolvidos na investigação tenham um conhecimento ampliado sobre a questão, visto que casos de fabulações por parte de crianças supostamente vítimas ou mesmo de mães, bem como o de falsas denúncias são cada vez mais crescentes.

*Alcemir Pinheiro Ribeiro Bacharel em Teologia, Mestre em Filosofia e Doutorando em Filosofia pela UBLA, e-mail: alcemir.pinheiro@ueg.br

**Jacqueline Fernandes Trinette Bacharela em Psicologia pela Universidade José do Rosário Vellano-Câmpus Alfenas e Pós-Graduada em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Goiás-Câmpus Posse, email: Jacquelinetrinette@hotmail.com

A presente pesquisa tem como propósito apresentar um estudo bibliográfico aprofundado sobre os maus tratos na infância, em específico o abuso sexual, que além de trazer sérias consequências físicas e psicológicas, de curto e longo prazo, podem levar crianças e adolescentes ao óbito.

A Literatura de José Louzeiro, no livro Aracelli, Meu Amor, nos mostra que essa prática deve ser tratada como mais rigor pelas autoridades. Um problema de saúde pública que levou Aracelli a morte precoce. Assim o artigo tem a finalidade apresentar o caso no início do trabalho com o intuito de ilustrar a pesquisa.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Era 18 de maio de 1973, sexta-feira, Aracelli, bonita e bem desenvolvida para seus nove anos, de farda deixa a escola mais cedo a pedido da mãe e se dirige ao ponto de ônibus. Sentada, de saia azul e olhos negros, brinca com o gato que sempre encontrava no caminho. O ônibus passou e Aracelli ficou. Com ao passar das horas Gabriel e Lola Sanches começaram a se preocupar com o atraso da filha. Pais e vizinhos ao anoitecer saem em busca da menina, nenhum sinal, sem notícias. Lola afirma que algo de ruim aconteceu com sua filha, passa mal e tende ser levada para o hospital.

Gabriel e Carlinhos, pai e irmão de Aracelli, recordam-se da menina, perdidos em lembranças, aéreo Gabriel decidi procurar a polícia. O pai da menina conversa com o delegado, leva fotografias aos jornais, buscas incessantes. Carlinhos não brinca mais, e Radar, o cachorro de Aracelli, sequer se alimenta. Aracelli havia desaparecido.

Em uma caçada de pássaros, Monjardim encontra o corpo de uma menina todo desfigurado e o mau cheiro exalando. O menino corre para delegacia e volta com investigadores que recolhem o corpo da criança. Logo a notícia chegou a Gabriel Sanches. O pai se dirigiu a delegacia, de lá todos foram para o Instituto Médico Legal. Gabriel olha para menina com rosto desfigurado, corpo mutilado,

dentos quebrados e cabelo sujo, o médico acredita que a garota fora atingida por substância corrosiva, mesmo assim Gabriel sabia que se tratava de sua filha. Colheram materiais, mandaram para análise, e constatou-se a dúvida, era mesmo Aracelli.

Foi então que o crime repercutiu, estava em todos os jornais, rádio e televisão. Os boatos começaram. Dizia-se que dois homens tiraram a roupa da menina e a espancaram, viciados. Rumores. Um vereador da cidade, Clério Falcão leva o assunto para câmara, alguns colegas de partido o apóiam, outros, no entanto rebatem dizendo que esse assunto não é para ser debatido no plenário.

Após sair do hospital, Lola se recompõe, então Gabriel leva a esposa para o IML, ao abrir a gaveta, Lola examina cada detalhe do cadáver, mãos, pés, orelha, nariz, cabelo, e cheia de repulsa não reconhece o cadáver como sua filha. O médico e Gabriel ficam espantados diante da afirmação de Lola. Os resultados apontavam que era mesmo Aracelli. A Resposta da mãe colocava toda investigação em dúvida. Algum tempo depois, o pai de Aracelli é transferido de cidade para trabalhar, Lola resolve deixar a cidade, o filho fica com a empregada.

Rita Soares, um amiga da família, resolve ir atrás após ouvir tantos rumores, ela deseja a punição dos culpados. A mulher se dirigiu ao IML, juntamente com Radar, ela acreditava que o cachorro reconheceria sua dona, intrigados, os médicos autorizaram. Ao abrir a gaveta Radar fica inquieto, late e bate as patas, era um sinal, Radar reconheceu sua dona. Ao deixar o IML Rita começa a investigar a morte de Aracelli.

Clério Falcão continua a investigar o caso, então surge um suposto sequestrador que pede resgate por Aracelli na tentativa de confundir a família da menina e as autoridades policiais. O juiz Waldir Vitral continuava as investigações, no entanto todo arquivo com dados de onde o corpo da menina fora encontrado desapareceu, Surge outro personagem, sargento Homero Dias, responsável sigiloso pelas investigações, que morre baleado.

Ao ver do povo na pequena cidade apenas pobre era condenado. Já havia rumores dos supostos assassinos. Havia nomes, gente grande, de poder e dinheiro, filhos de Michelini e Helal. O outro envolvido morreu logo após o crime. E evidências apontavam o primeiro delegado e os fotógrafos da polícia como responsáveis pelo desaparecimento de todo arquivo. O pior é que diziam que mãe de Aracelli tinha interesse que a filha não fosse reconhecida. Ao longo das investigações do perito Carlos Éboli, chegava a conclusão de que Aracelli havia morrido em meio a orgia e tóxicos, a guardaram em um freezer e em seguida jogaram ácido na menina.

Dois anos após a morte de Aracelli as investigações continuavam, lentamente, mas prosseguiram. Em depoimento, Marislei, amiga do suspeito Paulo Helal relata que viu a menina morta, nua, com marcas de dentes no seio e na vagina, apesar disso quando quase se finalizava o depoimento, ela acrescenta que todo relato era mentira, que ela era louca e jamais acusaria o amigo. Os investigadores e o povo perdiam as esperanças de uma possível condenação. Contudo apesar dos esforços as investigações não saíam do lugar, o que se sabia era que três pessoas estavam envolvidas no caso, Paulo Helal, Michelini Junior e Marislei. E a favor dos supostos assassinos, a morte do perito Carlos Éboli.

Com o passar do tempo o caso Aracelli caiu no esquecimento do povo e da justiça, o mesmo foi abafado, os envolvidos ficaram impunes, o desfecho da narrativa e história real de Aracelli não há condenação para os envolvidos. A menina assassinada e vítima de abuso sexual tornou-se símbolo de um movimento. O dia de sua morte, 18 de maio de 1973, transformou-se o Dia Nacional de Combate ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes.

A literatura do Jornalista José Louzeiro nos mostra que o abuso sexual deve ser tratado com mais rigor pelas autoridades. Um problema de Saúde Pública e Social que levou Aracelli a morte precoce. A partir de então a sociedade voltou os olhos para o problema. Isso aconteceu devido ao Movimento dos Direitos da Criança e do Adolescente. Incluindo a preocupação física e mental da criança.

Apesar da preocupação e para além das buscas dos direitos da criança, profissionais envolvidos no acolhimento, atendimento e investigação de crianças com seus direitos violados, devem estar capacitados para temática. Há de se considerar ainda a alta rotatividade de profissionais envolvidos, o que trás prejuízo ao andamento dos casos.

Os maus tratos na infância tornaram-se uma epidemia, o presente artigo aborda em específico a violência sexual, que além de trazer sérias consequências físicas, psicossociais e comportamentais de curto e longo prazo, podendo levar essas crianças a óbito. Os abusadores na grande maioria das vezes são adultos, amigos, familiares ou pessoas que a vítima confia. O abuso sexual é cometido por um familiar ou responsável, enquanto o estupro é praticado por alguém não responsável pela criança. O abuso e o estupro são episódios que trazem dor e agregam nossa sociedade. O abusador utiliza da vulnerabilidade da criança para descarregar sua agressividade e tensão.

Segundo os estudos de Blanchard (1996) o abuso sexual seria praticado por uma pessoa que exerce poder sobre a criança e devido a seu estágio de desenvolvimento não compreende a relação sexual. Assim crianças e Adolescentes não estão preparados para concordar com o ato. A violência sexual ocorre quando alguém em estágio psicosexual mais elevado, enquanto comparado ao de uma criança ou adolescente, usa desses menores para obtenção de prazer sexual; o que inclui carícias, sexo oral e penetração; no entanto o abuso sexual esta para além do contato físico, considerando que inclui o assédio, caracterizado por ameaça e hostilidade com o intuito de obter algum ganho, e exibicionismo, com a finalidade de obter excitação e gozo sexual.

Supostamente Aracelli foi enviada por sua mãe para o local onde foi violentada, a criança confiava em sua mãe, Lola; desprotegida, e exposta ao tráfico por alguém cuja função deveria ser a de cuidar. Os abusadores em estágio psicosexual mais elevado que o de Aracelli, utilizaram da criança para obtenção de prazer.

O abuso sexual também seria considerado Incesto, trazendo maiores prejuízos a vítima, visto que desde a tenra infância já possui inserida em sua psique os códigos e símbolos sociais, O que para Freud (1905) é uma exigência cultural. O mais comum é aquele que envolve pai ou padrasto e a criança, sendo considerada uma psicopatologia severa. Flores e Cols (1992) demonstra que em 50% dos casos o pai é o abusador, a medida que 25% dos casos o padrasto comete o abuso sexual.

O incesto esta presente em famílias desestruturadas, onde ocorre violência doméstica, alcoolismo, pai ou mãe já tenham passado por situação de abuso sexual, mãe ausente ou passiva, pai autoritário. Toda essa dinâmica intrafamiliar causa e cria confusões para criança. Segundo Sigmund Freud (1905) os pais tem a missão de evitar que a pulsão sexual seja despertada prematuramente em seus filhos, quando a incumbência é bem sucedida, o filho se orienta de maneira adequada para a escolha do objeto sexual na puberdade, o que influencia de maneira deliberativa na sexualidade do adulto. Assim todo ser humano se depara com a missão de superar o complexo de Édipo, quando isso não ocorre, o individuo sucumbe a neurose, vivendo em ambivalência, entre o excesso de carinho e o excesso de hostilidade.

A violência sexual intrafamiliar apresenta dois aspectos importantes, a Síndrome do Segredo, onde o abusador faz ameaças a criança com finalidade de manter a violência em segredo; e a Síndrome de Adição, onde o abusador apresenta características de compulsão, alto nível de tensão ou excitação, utilizando a criança para alívio e obtenção de prazer.

Ao longo da narrativa Aracelli, meu amor, percebe-se que a menina pertence a uma família disfuncional, considerando indícios que Lola Sanches, mãe de Aracelli, fazia parte do tráfico de drogas e teria utilizado a criança em uma de suas negociações. A violência sexual extrafamiliar ocorre com menor frequência quando comparado ao abuso sexual intrafamiliar. Aqui, professores são as principais pessoas a identificar que algo errado acontece. É importante salientar que ao envolver adolescentes ou crianças como abusadores, deixa de ser violência sexual

para ser compreendida como experimentação sexual ou mesmo confusão de sentimento.

Quando o abuso ocorre fora da família, os pais manifestam profunda preocupação com seus filhos, com as consequências físicas e psicológicas, estando sempre dispostos a levar a criança em médicos e psicólogos, além de se colocar a disposição da justiça, revelando o abuso sexual extrafamiliar favorece a proteção da criança bem como a punição do agressor. Enquanto ao ocorrer dentro do ambiente familiar os pais estão preocupados em negar o fato e como farão tais alegações, evitando ao máximo profissionais envolvidos no caso.

Lola Sanches, logo após o desaparecimento da filha, adoeceu, ficou internada, o que a impediu aos olhos do povo de ir à busca de sua filha, seis dias após Aracelli ser encontrada morta, a mãe permaneceu em casa em suposta recuperação, impedindo-a de ir ao Instituto Médico Legal. Quando esta se dispõe a fazer o reconhecimento do cadáver, ao vê-lo nega ser sua filha, mesmo o pai Gabriel Sanches tendo reconhecido, e a análise confirmando. Após alguns dias deixa a cidade. Lola colocou inúmeros empecilhos na investigação do caso de sua filha, além de evitar qualquer tipo de pergunta.

Ao ocorrer a violência sexual extrafamiliar deve ser identificado se o mesmo aconteceu de forma breve ou prolongada. Se a violência sucedeu-se de forma passageira é importante que a criança fale juntamente com os pais sobre o ocorrido, para esclarecer os fatos e ajudar na superação da experiência sofrida. No entanto ao ser identificado que ocorreu de forma prolongada, a relação da criança com os pais deve ser avaliada, bem como os fatores que tornaram a criança vulnerável ao estupro. Outro fator importante a ser avaliado, é a identificação de todas as formas de violência sofrida pela criança, o que inclui física, psicológica, social, negligência dos pais, uso de álcool e ou droga.

Após as denúncias de abuso sexual, geralmente, as famílias são reconstruídas. Se os pais viviam juntos no período do ocorrido, após as denúncias ocorre a separação. Isso acontece para proteção da vítima. Quando as famílias não são

reorganizadas a criança é afastada da família, acolhida em um abrigo ou a guarda passa para um familiar.

Era de suma importância que os peritos envolvidos no caso de Aracelli avaliassem as relações familiares, da criança com a mãe, e da criança com o pai. Com o estupro e morte de Aracelli era fundamental ter conhecimento dos fatores que tornaram Aracelli vulnerável ao estupro, como o abuso de drogas pela mãe.

Quando a reação da família é positiva frente a confirmação da criança em relação ao abuso sexual, quando esta demonstra confiança no relato da criança, esta apresenta maiores estratégias para superação do trauma. No entanto quando a família não demonstra credibilidade e não fornece o apoio necessário, a criança esta sujeita ao desenvolvimento de depressão, ansiedade, isolamento, entre outros. Por isso é fundamental o acompanhamento psicológico da vítima e seus familiares.

Ressalta-se que o sentimento de desproteção e revitimização são reforçados devido a repetição dos procedimentos legais e a lentidão dos processos judiciais, assim conseqüentemente a vítima e sua família não têm credibilidade na garantia de seus direitos; o que pode agravar o quadro emocional e as conseqüências das experiências vivenciadas; esse quadro nos mostra que é necessário maior ênfase a reparação dos danos as vítimas de violência sexual.

As conseqüências do abuso sexual são variadas, trazendo prejuízos emocionais, comportamentais, sociais e cognitivos; assim segundo Furniss (1993) e Knutson (1995) para avaliar os danos devem ser considerados a idade da criança quando ocorreu o abuso sexual, a duração, o grau de violência, a relação da vítima e abusador, ausência de um protetor e ameaças. Durante a violência sexual a criança ou adolescente vivência medo, podendo passar por estado de choque. Com o passar do tempo a vítima sente-se humilhada e envergonhada, sentimentos como a raiva vão surgindo com o decorrer dos dias ou meses.

Durante a investigação do caso, a relação da vítima com os abusadores foram pouco investigadas, havia suspeitos, mas a influência e o poder dos acusados

barravam constantemente o caso; no entanto a relação dos suspeitos com a mãe não foi avaliada, assim se faz necessário uma avaliação das redes de relações.

Uma variedade de prejuízos se apresenta em face ao impacto do abuso sexual, no entanto é comum apresentar retraimento, depressão, ansiedade e agressão. O sentimento de culpa se faz presente, culpa pelo sofrimento da família, culpa pelo afastamento do familiar abusador; em casos de crianças abrigadas, vêem a instituição como forma de punição, o que gera acomodação e submissão a violência, por este aspecto considerado um dos efeitos emocionais mais severos.

Os prejuízos emocionais de curto prazo incluem ansiedade, raiva, comportamento hipersexualizado, e a longo prazo, na adolescência e fase adulta, desenvolvem-se quadros de depressão, baixa auto-estima, transtorno de personalidade, transtorno de alimentação e abuso de substâncias, gerando condutas patológicas, como a prostituição. Homens na fase adulta apresentam dificuldades conjugais, impotência ou mesmo desejo compulsivo por sexo.

O comportamento hipersexualizado é muito comum entre crianças vítimas de abuso, apresentando masturbação excessiva, introduzindo o dedo na vagina, ou ânus, ou mesmo utilizando objetos, bem como a repetição da violência com outras crianças. Quanto ao comportamento social, vítimas de abuso sexual ou estupro, apresentam dificuldade de confiar em outras pessoas, não desenvolvem o comportamento pró social, de pensar e ajudar o outro.

As consequências físicas do abuso são devastadoras, pois incluem gestação; doenças sexualmente transmissíveis, como gonorréia, sífilis e HPV; trauma físico; hematomas, como mordidas no seio e região da vagina; fraturas, irritação vaginal, perda do controle esfinteriano, o que torna mais vergonhoso e de difícil superação para vítima. Como consequência somática pode surgir enurese e encoprese, anorexia e bulimia.

O depoimento de Marislei, mesmo que não considerado válido perante a justiça, expõe a brutalidade com que Aracelli foi tratada, estuprada, drogada, hematomas

visíveis, com marcas de mordidas no seio e vagina, fraturas, dentes quebrados, levou a violência ao extremo, a morte de Aracelli.

Os profissionais envolvidos em casos como este devem estar atentos aos sintomas e as causas do ato abusivo; devem considerar história de negligência, abuso físico e sexual de ambos os pais, as histórias individuais que carregam para o ambiente familiar, objetivando abordar a rede de relações.

A perícia psicológica com seu caráter técnico determina com exatidão como um fato ocorreu, por isso possui três objetivos segundo Chagnon (2010), o primeiro tem a finalidade de avaliar se a suposta vítima possui algum transtorno, ou tendências a fabulações; o segundo objetivo busca a avaliação da inteligência, de modo geral, enquanto o terceiro consiste na avaliação das consequências dos fatos no psiquismo da criança. Tais objetivos são atingidos em anamnese com os familiares e posteriormente com a criança, uma entrevista conjunta somente deve ser realizada se não trouxer sofrimento para suposta vítima. Esta por sua vez possui a finalidade de obter informações acerca da dinâmica familiar, verificando a credibilidade da denúncia, bem como o trauma apresentado pela criança.

Os psicólogos e profissionais da rede devem evitar perguntas fechadas, considerando que levam a respostas equivocadas e falsas confissões (Ceci e Huffman, 1997; Garven, Wood, Malpass e Shaw, 1998; Stein et al., 2009), a associação livre é mais indicada, pois quando a verbalização surge de forma espontânea, trás credibilidade ao relato, assim os profissionais devem estar abertos para as questões que surgirem, sem tomar posições. A atuação do psicólogo apresenta possibilidades de mudanças, visto que esta para além da avaliação, viabiliza a autonomia e libertação do sujeito. No entanto este profissional deve buscar independência do judiciário, muitas vezes visto e atuante como repressor, por buscar com maior ênfase a punição do abusador.

O profissional deve estar atento ao fato que o desejo da criança se refere a interrupção do abuso e não a punição do abusador, visto que muitas vezes possuem laços afetivos com o agressor e que dele depende economicamente. Com base

nessas considerações, as recorrentes oitivas podem acarretar em fase de negação da criança, por isso se faz necessário que o profissional sustente a escuta da criança. Mais que um diagnóstico os especialistas devem possibilitar a fala da criança, para que a família tenha oportunidade de mudar o contexto de risco. Psicólogos, Assistentes Sociais e Pedagogos produzem um elo entre o judiciário e a vítima, com habilidades inerentes a estes peritos, possuem competência para interromper o ciclo de violência.

Se faz necessário o compromisso com a criação do espaço terapêutico, do lugar da escuta, nele pode haver muito barulho, mas também abundante silêncio, e é de competência desses profissionais sustentar o silêncio desta criança que sofre; até o surgimento do desejo de falar, visto que a Síndrome do Segredo ainda se faz presente, com o principal objetivo de proporcionar acolhimento a dor desta criança.

E quando se ouve devidamente a criança que se torna possível o livramento da repetição da violência, e assim resgata-se a intimidade entre a criança e seu próprio corpo. É esta escuta que volta o olhar, a atenção para vítima, para abusador e seus familiares.

No processo de escuta compreendem-se as relações sociais, onde está toda forma de violência, assim permite-se conhecer o impacto e as consequências da violência, bem como os fatores que a circundam, fatores históricos, sociais e culturais de cada família.

Ouvir o abusador é fundamental, no entanto perante a justiça o agressor encontra apenas um espaço, o lugar da condenação, enquanto sujeito não encontra um profissional que sustente a escuta e que possibilite a reflexão de seus sentimentos pela vítima. Por quase nunca encontrar o lugar da escuta torna então o ciclo da violência contínuo.

É necessário integrar as informações obtidas, do passado e do presente, da vítima, do abusador e dos familiares, para que essas informações tenham bases empíricas e auxiliem no esclarecimento do caso.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O artigo foi realizado na cidade de Posse - GO na Universidade Estadual de Goiás. No primeiro momento o tema foi debatido com o orientador, assim o material foi selecionado com base nas orientações do mestre orientador. Após a realização do pré-projeto deu-se início a execução do artigo.

Este estudo utilizou metodologia qualitativa de análise literária do livro Aracelli, meu amor de José Louzeiro e teve como objetivo conceituar e analisar o abuso sexual infantil, bem como apresentar as consequências psicológicas e atuação dos profissionais.

4 RESULTADOS OBTIDOS

O estudo foi realizado com base em crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual. A pesquisa apontou prevalência de abuso sexual intrafamiliar, presentes em famílias desestruturadas. Os dados demonstram que as consequências do abuso não são precisas, vistos que os prejuízos podem ser emocionais, comportamentais, sociais, cognitivos e físicos, de curto à longo prazo.

Além disso, percebe-se a necessidade de especialização dos profissionais, no entanto merece menção a alta rotatividade destes, fator inesperado que dificulta a punição dos abusadores, bem como a superação do trauma por partes das vítimas.

5 DISCUSSÕES TEÓRICAS

A história de Aracelli, baseada em fatos reais, representa a de tantas outras crianças vítimas de abuso sexual, que ao saírem para escola não retornam para suas casas, ou voltam feridas emocionalmente e fisicamente. A narrativa retrata a história de uma menina de nove anos violentada; hoje se passaram 43 anos após sua morte e atualmente o âmbito jurídico e a rede de profissionais envolvidas no caso encontram as mesmas barreiras. A alta rotatividade de profissionais que ocorre na história, também acontece nos dias de hoje, com isso muito se perde, incluindo

informações, laudos, pareceres, fotos, testemunhas e a visão do profissional que se foi.

Blanchard (1996) demonstrou que crianças e adolescentes não estão aptos para consentir com a relação sexual; Aracelli em sua pouca idade não estava preparada para concordar com o ato e vivenciava, segundo Furniss (1993) a ausência de um protetor, vinda de uma família desestruturada com indícios abusos de drogas.

Paulo Dalgarrondo (2008) em seus estudos sobre psicopatologia indica que o agressor descarrega sua agressividade em vítimas que não oferecem resistência, assim como Freud (1905) apontou em estudos relacionados a sexualidade, que indivíduos que não superam o complexo de Édipo vivenciam a ambivalência entre o excesso de carinho e o excesso de hostilidade. Aracelli, nove anos, estuprada, drogada e morta, dilacerada em meio ao sexo e entorpecentes.

6 CONCLUSÃO

Análise Literária do livro Aracelli, meu amor, possibilitou a compreensão de fatores relacionados ao abuso sexual. Os resultados revelaram que nos últimos 40 anos pouco ou quase nada se evoluiu nessa questão, ainda encontramos os mesmos problemas enfrentados pela equipe do caso Aracelli, como alta rotatividade de profissionais.

O estudo também apontou que o abuso sexual se faz presente com maior predominância em famílias desestruturadas e que os maiores índices são de abusos intrafamiliares, atingindo outras esferas como a violência psicológica e negligência.

Com a exposição do caso de Aracelli, bem como os resultados obtidos, o presente artigo pretende apontar a necessidade de profissionais concursados em seus respectivos setores e devidamente capacitados para atuação no problema em questão. Uma equipe qualificada e permanente possibilita intervenções adequadas, com resultados reais e a longo prazo.

7 REFERÊNCIAS

AMAZARRAY, Mayte. **Alguns Aspectos Observados no Desenvolvimento de Crianças Vítimas de Abuso Sexual.**

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000300014.

Data de acesso: 27 de Maio de 2016. Hora: 18:00.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais.** 2. Ed, Porto Alegre: Artmed, 2008.

FREUD, Sigmund. **Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e Outros Trabalhos.** Volume VII, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAVA, Lara. A Perícia Psicológica em Casos de Suspeita de Abuso Sexual Infanto-juvenil. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712013000200005.

Data de acesso: 27 de Maio de 2016. Hora:18:00.

HABIGZANG, Luísa. **Abuso Sexual Infantil e Dinâmica Familiar: Aspectos Observados em Processos Jurídicos.**

<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n3/a11v21n3.pdf>. Data de acesso: 27 de Maio de

2016. Hora: 18:00.

LOUZEIRO, José. **Aracelli, Meu Amor.** São Paulo: Prumo, 2012.

PFEIFFER, Luci. **Visão Atual do Abuso Sexual na Infância e Adolescência.**

<http://www.jped.com.br/conteudo/05-81-S197/port.pdf>. Data de acesso: 27 de Maio

de 2016. Hora: 18:00.

SCHAEFER, Luiziana. Perícia Psicológica no Abuso Sexual de Crianças e

Adolescentes. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000200011.

Data de acesso: 27 de Maio de 2016. Hora:18:00.

SANTOS, Viviane. Dificuldades e Possibilidades na Atuação dos Profissionais de Psicologia Jurídica nos Casos que Envolvem Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes.

http://www.tjdft.jus.br/trib/vij/docVij/estatis/2009/vij_estatisticaViolSex.pdf. Data de

acesso: 27 de Maio de 2016. Hora: 18:00.

